

Histórias: Um Espaço de Liberdade¹

Georgia Vassimon²

Resumo: O artigo propõe uma reflexão sobre a importância das histórias pessoais e literárias na educação e nos atendimentos psicopedagógicos, propiciando a percepção dos valores e da cultura em que estamos inseridos.

Palavras Chave: educação, histórias, cultura, psicodrama

Stories: a room for freedom

Abstract: This article proposes a reflection on the importance of literature and people stories in education and psycho-pedagogical sessions, leading to holistic perception of essential values and cultural issues to which we belong.

Keywords: education, stories, culture, psychodrama.

A reflexão sobre as histórias pessoais e literárias tem ocupado um lugar importante, tanto no trabalho de formação com educadores como nos atendimentos psicopedagógicos de crianças, jovens, adultos e suas famílias. A escuta dessas histórias, o uso dos diferentes gêneros textuais para o aquecimento e reflexão dos alunos, bem como para as questões culturais e existenciais que as histórias trazem têm favorecido muito o levantamento dos problemas e dos potenciais tanto dos indivíduos como dos grupos de trabalho.

Ao ler um texto ou ouvindo alguém contar uma história, todos nós, adultos ou crianças, nos vemos em lugares tão distantes e imaginamos outros espaços e tempos. Através das ideias escritas pelos autores ou contadas pelos contadores as histórias estão embebidas do seu tempo, da sua cultura e da sua imaginação. Eles nos convidam a viajar juntos por caminhos sempre novos.

O espaço de liberdade que a leitura das histórias nos proporciona é como o espaço mágico do jogo, que nos coloca por algum tempo num lugar diferente da vida cotidiana, mas que fala conosco dela. São experiências arrebatadoras, que nos comovem e nos quais vivemos o aqui e agora intensamente.

É claro que, sendo o encontro entre o texto e o leitor sempre meio imprevisível e sendo a leitura um acordo ou não das expectativas afetivas de quem lê com as ideias que uma história oferece, para cada pessoa existe conto bom e conto ruim, o conto eterno e o passageiro, o conto expressivo e o superficial. Entretanto inúmeras narrativas curtas tem a força de ‘nocautear’ a grande maioria de leitores, como tão certamente o escritor Julio Cortázar pontuou, para situar com exatidão de crítico intuitivo “essa explosão de energia espiritual que ilumina repentinamente algo que vai muito além da pequena e às vezes banal história que conta. (Marinho, 2009, p. 32)

O jogo como a “história de boca”, vividos por todos nós enquanto crianças trouxeram para as nossas vidas muitas das questões humanas, das mais afetivas e amorosas, as mais duras e mortais. As histórias lidam com os nossos sentires mais

¹. Originalmente, conferência no *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientes*. São Paulo, 21-12-11.

². Mestranda PPGE Metodista / Coord. Psicopedagogia Sedes Sapientiae. geovas@terra.com.br

íntimos: nascimento, morte, paixão, desilusão, aspectos morais, éticos, medos, guerras, lutas, bem e mal, enfim tudo de nobre e menos nobre sobre nós, seres humanos. E o jogo com perdas e ganhos, regras, combinados, prazeres e desprazeres entre outros aspectos, nos fazendo aprender de uma forma mais lúdica e tocante as regras do jogo da vida.

A contadora de histórias Simone Grande, do grupo *As Meninas do Conto*, afirma que “o melhor das narrações é a emoção e reflexão que os artistas podem despertar no público” (suplemento “Folhinha” de Folha de S. Paulo, 7/1/2012 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhinha/dicas/di07011208.htm> Acesso em 21/1/12). Os contadores de história usam vários jeitos para contar e emocionar. Alguns usam música, voz e efeitos sonoros e outros se vestem de algum personagem: palhaço, fada, bruxa etc.

No fazer de professor estamos sempre lendo e contando histórias para diferentes grupos. Cabe escolher as histórias que toquem mais, que criam possibilidade de conversa porque muitas vezes o emocionar o outro tem a ver com o quanto nos envolvemos com o nosso fazer.

Pensamos que a existência humana acontece no espaço relacional do conversar. Ou seja, consideramos que, embora do ponto de vista biológico sejamos animais, somos também *Homo sapiens*. A espécie de animais que somos, segundo o nosso modo de viver – vale dizer, nossa condição humana – ocorre no modo como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo que configuramos enquanto vivemos. Ao mesmo tempo, efetivamente nosso ser biológico no processo de existir como seres humanos ao viver imersos no conversar. (Maturana e Verden-Zöller, 1993, p.9)

Uma das importâncias relevantes das muitas histórias que contamos nas casas, escolas, praças é que trazemos para os ouvintes diversos jeitos e formas de ver a vida. E como é, através do conversar nos configuramos seres humanos e apreendemos a nossa cultura nos aspectos mais emocionais. A história contada e eventualmente refletida ou simplesmente sentida nos envolve na cultura de todos os tempos e lugares do mundo. Além de ser material importante para a reflexão. Para darmos conta do que está sendo vivido no aqui e agora.

A palavra cultura vem do latim *colere*, que significa cultivar, tratar, cuidar, abrangendo também dois vocábulos gregos: *georgia* (agricultura) e *mathema* (conhecimento adquirido). A cultura refere-se a conhecimentos, crenças, artes, leis, moral, hábitos, costumes e capacidades adquiridas pelos seres humanos como membros de uma sociedade. (Cunha, 2003, p. 195)

Na minha casa tínhamos algumas brincadeiras com as palavras que nos aproximaram muito delas, desde pequenos. Uma era que meus pais contavam histórias ou cantavam músicas para dormirmos e a outra que líamos poemas e fazíamos rimas todos juntos. Uma, da qual me lembro muito bem, era uma história musicada e acumulativa:

A minha velha tinha um pintinho, o pintinho piu, o pintinho piu, o pintinho piu.

A minha velha tinha uma galinha, a galinha có, a galinha có, a galinha có e o pintinho piu, o pintinho piu, o pintinho piu.

E a cada animal que aparecia vinha seu som e a soma de todos os outros até que nós dormíssemos. Nossas lembranças estão regadas de palavras, versos, estrofes, com ritmos, tons que vão nos configurando como seres que somos.

As grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde início, inteiramente marcadas pelo jogo. Como por exemplo, no caso da linguagem, esse primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar. É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatar-las, em resumo, designá-las e com designação elevá-las ao domínio do espírito. Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado da natureza. (Huizinga, 1971, p.7)

Belinky (2009, p. 2) rememora a sentença de Daniel Pennac:

“O verbo ler não suporta o imperativo. É uma aversão que compartilha com outros: o verbo amar... o verbo sonhar...” (Pennac, *Como um romance*, 1996, p.11). Há coisas que não se manda fazer, elas acontecem. Leitura não é tarefa, castigo. A leitura tem prazer. Nos dez direitos do leitor, Pennac afirma que tem o direito de não ler se não quiser; de ler de trás para diante; de começar do meio, e por aí vai. O leitor é livre. Você lê para você mesmo, para seu divertimento, para sua emoção, não tem obrigação de coisa nenhuma. Você começa a ler e vai logo perceber que é bom. Uma história bem contada pode fazer alguém chorar, rir, prender o leitor.

Que delícia essa liberdade que o texto dá: a de podermos ler do jeito que quisermos. Melhor ainda, nos identificar com qualquer coisa, pessoa ou lugar. E podemos ouvir e ver histórias em tantos lugares: nas casas, nos parques, no cinema, no teatro, num encontro entre amigos, na leitura solitária de um livro, em qualquer lugar.

No dia a dia da maioria das escolas tudo é cronometrado. Existem poucos momentos reflexivos, no geral todos estão cumprindo tarefas, executado, executando. A arte de contar histórias coloca as crianças num espaço mágico de pensar em toda possibilidade do mundo. Pena que ela acabe por ser pouco ou não usada na escola. Os textos são lidos para responder perguntas, serem interpretados com objetivos bem definidos : quem é o autor? Onde se encontra esse ou aquele termo? Não quero ser leviana. Considero que algumas escolas têm feito trabalhos lindos com contação de histórias, mas longe de ser a maioria delas.

Nos indicadores da Qualidade na Educação do Programa Nacional da Escola Básica há a proposta de que nas escolas as crianças entrem em contato com diferentes textos, ouçam histórias, observem adultos lendo e escrevendo. A leitura e a escrita estão colocadas como fundamentais, como um capital necessário de todos os assuntos escolares ou não. Por isso em cada ano o aluno precisa ampliar cada vez mais sua capacidade de ler e escrever até o final do ensino fundamental. Diríamos que é tarefa para a vida toda e não só para a proposta pedagógica da escola, mas é fundamental sua

participação com qualidade nesse processo, porque é a escola que tem como papel ensinar a ler e escrever na nossa cultura.

Em todos os tempos do mundo tivemos presença dos contadores que nos puseram a sonhar, com heróis e bandidos, príncipes e princesas, fadas, duendes e seres imaginados. A imaginação nos faz potentes, criativos. Mesmo quando nos sentimos o patinho feio ou o elefante acorrentado somos capazes de nos colocar como observadores do nosso viver cotidiano. Como sentimos o que sentimos? Como fazemos o que fazemos? Podemos escolher ser esse ou aquele herói ou ainda tudo junto. Podemos ser o herói, a noiva do cowboy, enfrentar alemães, ser índio com botoque e ensaiar um rock.

O jogo do “como se” do “faz de conta” está nas diversas histórias que lemos, ouvimos e contamos. Por ele nos identificamos com os personagens, com as situações ou nos confortamos com o que as histórias nos contam. Damos-nos conta do que vivemos de um outro jeito: mais bonito, mais fantástico, mais metafórico.

Mergulhada nesse turbilhão, nossa sensibilidade nos faz curiosos, uma curiosidade diferente daquela que nos leva a formular perguntas científicas, terapêuticas ou religiosas. Diferente porque ela nos incita a fazer coisas: dançar, escrever, contar e/ou inventar histórias, criar poemas, pintar, desenhar, fazer humor, esculpir, construir objetos, instalações, cantar, criar ou executar músicas e sons, produzir filmes e por aí vamos, no praticamente infinito universo da arte. (Aguiar, 2008, p.147)

Chico Buarque de Holanda ilustra bem muitos sentimentos que aparecem ao lermos ou ouvirmos uma história. Esses sentimentos são muito potentes em nós porque nos imaginamos nas cenas, nos lugares, nos encontros, nos versos. Vamos ler juntos esses versos da música “João e Maria” e muito provavelmente nos perguntaremos: quem somos? Aonde vamos? Com quem queremos ouvir essa música? Com quem ouvimos? São tantas perguntas e sentimentos...

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões (...)

Nas últimas estrofes, o ouvinte começa a se dar conta da vida, dos amores e desamores. Na maioria das vezes é doloroso ou mesmo frustrante sairmos do espaço mágico do “como se”, do “faz de conta” e nos encontrarmos com o nosso cotidiano de uma forma poética.

(...) Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim?

Como observa Marinho:

Daí vem o prazer do “nocaute” que metaforicamente no universo da leitura, quer dizer um “soco” de significações muito bem tramadas e amarradas que conquistam o leitor, desde as primeiras linhas, para uma viagem entre a vigília e o devaneio. Mais precisamente o leitor vivencia um tipo de felicidade repentina e espaiada de leitura como se estivesse no espaço contido, enquadrado e “maravilhosamente” desafiador de um ringue que se abre para o imaginário de mundos conhecidos e desconhecidos, sendo que este imaginário - exercício feliz do conhecimento - não tem tempo de duração (Marinho, 2009, p.32)

Como seria bom se o fazer do educador nos diferentes contextos onde estão inseridos escolas, ONGS e instituições diversas pudessem “nocautear” alunos, colegas, pessoas com a leitura e o jogo fazendo com que percebessem a riqueza da reflexão quando paramos para ouvir e brincar e efetivamente conversar sobre a vida, as histórias, as leituras e os fazeres. Chaves (2009) cita David Arrigucci Jr.:

Porque todo mundo gosta de histórias e de poesia. Não há sociedade sem narrativas, o homem é um animal narrativo. Homo narrador. Todo mundo quer ouvir histórias. Contamos histórias desde o amanhecer até a hora de dormir. Senta num táxi, história; entra em um ônibus, história; vai para a escola, história; dá uma topada, história; briga com o namorado, história. Todas as situações da vida propiciam acontecimentos narráveis e vivemos desse entrelaçamento de narrativas

Conversar. Todo o viver humano ocorre num fluir entrelaçado do linguajar e do emocionar. Chamo de conversar (andar juntos em coordenações de coordenações de fazeres e emoções) este entrelaçamento do emocionar e do linguajar que constitui o humano como o viver e o conviver da classe de primatas bípedes que somos. Nós seres humanos, vivemos e convivemos em redes de conversações.

Como tornar a vida significativa para o ser humano? Principalmente as crianças vão absorvendo toda a cultura através das conversas que ocorrem, levando-as em conta ou não. Estamos sempre bombardeados de informações que ora nos fazem sentido, ora não.

Nessa perspectiva Bruno Bettelheim nos dá uma pista quando se pergunta quais experiências na vida infantil seriam mais adequadas para promover a capacidade de encontrar sentido na vida.

Com respeito a essa tarefa, nada mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida da maneira correta. Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação. (Bettelheim, 1980, p.12)

A informação correta ou o melhor texto ou jogo/brincadeira está na mão dos educadores envolvidos nesse processo. Olhando cada grupo à frente e sob sua responsabilidade têm um papel fundamental, muito importante como “adulto responsável” pela situação nas escolhas das histórias e atividades a serem desenvolvidas.

Assim como nos afirma Jorge Larrosa Bondia em sua palestra proferida em julho de 2001 para Rede Municipal de Educação de Campinas:

As palavras produzem sentido, criam realidade e às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e também as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar ou “calcular” ou “argumentar” como nos têm sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. (Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf> Acesso em 21-01-12)

E é nesse espaço dos “causos”, contos, histórias, anedotas, no mar de palavras que nos encontramos como seres humanos que vamos nos configurando e sendo livres para poder viver e imaginar tantas histórias. É nesse contexto de contar e recontar que nossa vida vai fazendo sentido. Apreendemos nossa cultura e vamos compreendendo o que sentimos no conversar diário com os nossos botões e com todas as pessoas que encontramos e suas diversas formas de expressão.

Cabe aos educadores (pais, professores, adultos responsáveis) serem prudentes, fazerem as melhores escolhas de tudo que querem trazer para a conversa com seus alunos, filhos. A arte é uma grande interlocutora com todas as suas possibilidades: a literatura em especial, os filmes, as pinturas, os grafites, as músicas, enfim as diferentes formas de expressão de todos os tempos. Dos muitos aqui e agora da história da humanidade. Façam boas escolhas. E conversem.

Referências bibliográficas

- Aguiar, Moysés O teatro espontâneo como intervenção socioeducativa. In: Marra, M. M. & Fleury, H. J. **Grupos. Intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático**. São Paulo, Ágora, 2008, pp. 141-156.
- Belinky, T. Tantas palavras, tantas histórias (entrevista). **Na ponta do lápis**, São Paulo, ano V, N. 12, dezembro 2009.
- Bettelheim, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. 11ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- Chaves, T. Amante da leitura, David Arrigucci Jr. trocou a ficção pela crítica. **Folha de S. Paulo**, 29/06/2009 (www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u587429.shtml. Acesso em 21/01/12).
- Cunha, Newton. **Dicionário SESC: A linguagem da cultura**. Perspectiva: São Paulo, 2003.
- Huizinga, Johan, **Homo Ludens**, São Paulo: Perspectiva, 1971.
- Marinho, J. M. Contos para “repassar” o tempo. **Na ponta do lápis**, São Paulo, ano V, N. 12, dezembro 2009.

Recebido para publicação em 03-01-12; aceito em 26-01-12